



DEVOÇÃO E EXPRESSÃO CULTURAL DE UM LUGAR: A FESTA DE SANTA MARIA MADALENA EM UNIÃO DOS PALMARES – ALAGOAS

Carlos Belo
Secretaria de Estado da Educação de Alagoas
União dos Palmares, AL, Brasil
geocarlosbelo@yahoo.com.br

Antonio Alfredo Teles de Carvalho
Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente,
PPGG, IGDEMA, Maceió, AL, Brasil
acarvalho@igdema.ufal.br

RESUMO – O artigo busca apreender e analisar a devoção a Santa Maria Madalena e a realização da sua festa, como uma importante expressão cultural da cidade de União dos Palmares, no estado de Alagoas, à luz dos fundamentos teóricos da Geografia Cultural. Em sua dimensão espacial, a festa religiosa também apresenta um caráter simbólico do espaço que vai ser sustentado a partir da identidade territorial e das territorialidades no âmbito do sagrado. Na verdade, a sua análise passa pela própria dinâmica da organização do espaço, e nesse sentido, a existência de uma territorialidade dessa forma de manifestação cultural. Com efeito, ponto de vista cultural e identitário do povo palmarino, a devoção a Santa Maria Madalena e a realização da sua festa, possui um significado que só é acompanhado pela histórica figura de Zumbi e o Quilombo dos Palmares. Trata-se de uma das maiores e mais importantes celebrações religiosas do estado de Alagoas. Uma tradição que se aproxima de dois séculos de existência e continua a envolver e emocionar União dos Palmares e suas adjacências, entre janeiro e fevereiro, todos os anos, se constituindo numa marca do lugar.

Palavras-chave: Lugar; Festa; União dos Palmares.

DEVOTION AND CULTURAL EXPRESSION OF A PLACE: THE FEAST OF SANTA MARIA MADALENA IN UNIÃO DOS PALMARES – ALAGOAS

ABSTRACT – The article looks to apprehend and analyze the devotion to Saint Maria Madalena and the accomplishment of her feast, as a important cultural expression of the city of União dos Palmares, in the State of Alagoas, under the light of the theoretical fundaments of the Cultural Geography. In its spacial dimension, the religious feast also represents a symbolical character of the space that will be sustained from the territorial identity and of the territorialities in the sacred scope. In fact, its analysis goes through the very dynamics of the space organization, and, in that sense, the existence of a territoriality of this form of cultural manifestation. Indeed, cultural and identitary point of view of the palmarine people, the devotion to Saint Maria Madalena and the accomplishment of her feast, has a meaning that only is accompanied for the historical figure of Zumbi and the Quilombo dos Palmares. It's one of the largest and more important religious celebrations of the the state of Alagoas. A tradition that approaches two centuries of existence and continues to involve and thrill União dos Palmares and its adjacencies, between january and february, every year, constituting a mark of the place.

Keywords: Place; Feast, União dos Palmares.

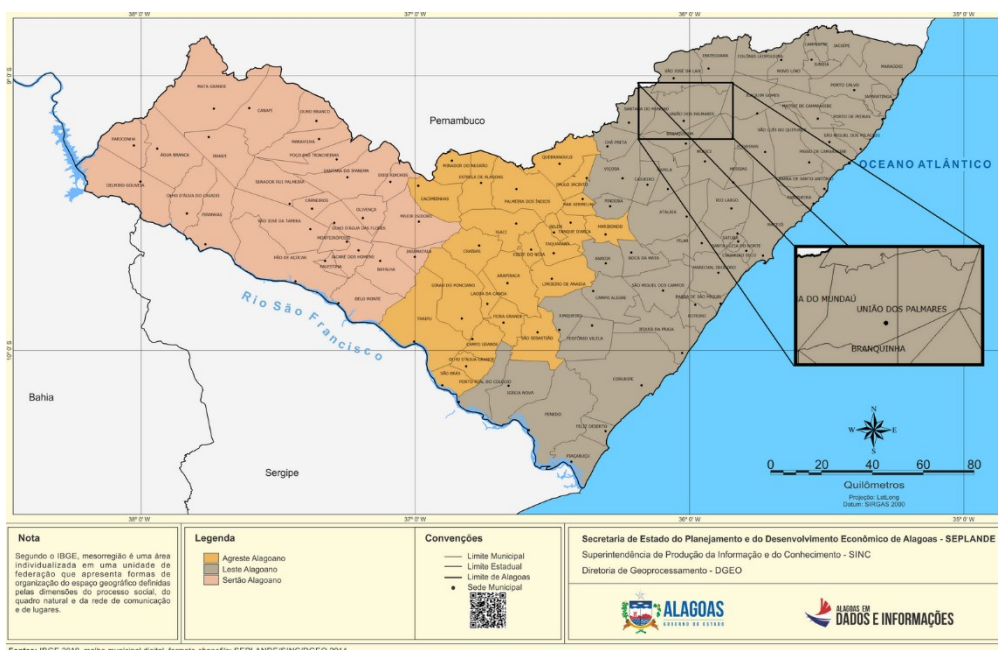
CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao longo dos últimos trintas anos a Geografia Cultural tem se consolidado como uma nova perspectiva epistemológica na produção do conhecimento geográfico, com abordagens centradas nas várias formas de manifestações culturais expressas pelos homens, a exemplo da literatura,

artes, religião, festas, dentre outros. Nesse leque de temáticas a Geografia Cultural assume a missão de entender os homens, a sociedade, o lugar e o espaço concebendo a cultura como um contexto, isto é, meio e condição da existência dos homens cujo reflexo é enveredado pelos significados atribuídos pelos indivíduos (CORRÊA e ROSENDAHL, 2014).

Nessa perspectiva, o presente artigo busca analisar a devoção a Santa Maria Madalena e a realização da sua festa, como uma importante expressão cultural da cidade de União dos Palmares, no estado de Alagoas (Figura 1), evocando a relação entre sagrado e profano na dimensão do lugar, além da dimensão econômica e da dimensão política, organizado em quatro partes. A primeira, trata da dimensão do lugar que é discutida a partir de uma lógica socioespacial composta de vários significados, resultantes das vivências e experiências do gênero humano no lugar e que aqui traduz-se em uma representação que busca transparecer os aspectos intrínsecos da relação entre o homem religioso e aquilo que ele entende ou concebe como sagrado.

Figura 1. Localização do município de União dos Palmares – Alagoas



Adaptação: OLIVEIRA, T. B., 2017

A segunda parte trata da dimensão econômica da festa, cuja análise se dá pela presença dos bens materiais e simbólicos que são comercializados, e ao mesmo tempo representam o sagrado e o profano no espaço da festa. Os bens materiais não são tidos apenas como objetos. Eles, também estão impregnados, dentro de um contexto religioso e, sobretudo cultural, de experiências e significados atribuídos pelos homens envolvidos no seu processo de produção, comercialização, uso e louvação.

Na parte subsequente, é abordada a dimensão política da festa, analisada a partir dos agentes sociais que administram e controlam o espaço sagrado, os meios de produção e simbólicos. Nesse contexto também se busca elucidar as noções de território e territorialidade, por serem fundamentais à compreensão da identidade territorial de uma determinada população que no presente artigo, ocorre por intermédio de atributos da manifestação cultural que se realiza por meio da Festa de Santa Maria Madalena.

Por fim, a quarta parte trata da festa como uma marca identitária do lugar. Sua realização se evidencia no tempo e no espaço, desde os primórdios da cidade, quando foi fundada a Paróquia de Santa Maria

Madalena em 1835. Assim, pode-se afirmar que a referida festa, é sobretudo, um fenômeno religioso e cultural presente no íntimo do palmarino católico e devoto de Santa Maria Madalena.

VIVÊNCIA E EXPERIÊNCIA NO LIMAR FESTIVO: A DIMENSÃO DO LUGAR

Com a emergência da Geografia Humanística a partir da década de 1970 e a consequente retomada da Geografia Cultural, o conceito de lugar ressurgiu ancorado em uma linha de pensamento qualificado pelo incremento das relações de afetividade reproduzidas pelos indivíduos em relação a sua atmosfera de vivência social. Nesse cenário, também marcado por ruptura e inovação epistemológica, recorreu as filosofias dos significados ancoradas na fenomenologia, no existencialismo e na hermenêutica cuja base interpretativa leva em conta a subjetividade humana em relação ao espaço geográfico (CORRÊA, 2006).

Dentre os teóricos que vão alimentar e dar continuidade aos estudos dessa linha interpretativa do conhecimento destacam-se Edward Relph, Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer, João Baptista Ferreira de Mello e Werther Holzer, dentre outros. No bojo das discussões da perspectiva humanística da Geografia, o lugar adquire mais relevância por ser entendido como resultado da experiência humana, e seu significado indo além do mero sentido geográfico de localização. Ou seja,

[...] lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiências e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança (RELPH, 1979, p. 156)

Para Tuan (1975), o lugar em essência está repleto de significados resultantes da experiência do homem. Assim, a linha interpretativa refere-se a critérios de cunho afetivo cuja evolução se dá no decorrer da vida dos homens por intermédio da convivência com o lugar e com o outro. Os lugares são repletos de sensações emotivas especialmente porque nele o indivíduo sente-se seguro e protegido (MELLO, 1990). E mais, ele faz transportar para os indivíduos boas lembranças e sensações que representa o lar (TUAN, 1975; BUTTIMER, 1982). Com efeito, para Buttimer (1985, p. 228) o “[...] lugar é o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas”.

A experiência do lugar também se evidencia em diferentes escalas. Logo, conforme Buttimer (1985, p. 178) “[...] cada pessoa está rodeada por camadas concêntricas de espaço vivido, da sala para o lar, para a vizinhança, cidade, região e para a nação”. Ademais tais níveis de escalas são experienciadas de formas distintas.

Os indivíduos mantêm uma relação de afetividade com os lugares porque os lugares são munidos de intencionalidades. Os lugares só obtêm identidade e significado quando há a intenção humana de manter relações com os atributos da realidade do lugar, isto é, com a base material e as diferentes relações de atividades ali praticadas (RELPH, 1979).

Ora, é interessante salientar que a localização ou posição não se constitui na condição necessária ou satisfatória à constituição do lugar, visto que os lugares, segundo Relph (1976: 29) “[...] são experimentados como no 'chiaroscuro' do cenário, paisagem, ritual, rotina, outras pessoas, experiências pessoais, cuidado e preocupação com o lar, e com o contexto dos outros lugares”.

Nesse compasso o lugar é uma construção que o homem realiza com a finalidade de atender seus próprios propósitos. Há uma intrínseca relação entre a experiência e o tempo em virtude do conteúdo do lugar raramente ser obtido pelo simples ato de transitar por ele de forma passageira (TUAN, 1975). Para tal apropriação do lugar é necessário tempo e profundo envolvimento de contato com o mesmo (TUAN, 1983).

Relph ao centrar a análise na identidade dos lugares mostra como se dá a experiência do homem em relação a estes e seu conteúdo. Para tanto ele elege três variáveis que servirão de norte para fundamentar o elo existente entre o homem e os lugares: a configuração física, as atividades e os significados (RELPH, 1976, p.47).

As três variáveis elencadas pelo autor são essenciais para entender como ocorre o envolvimento do homem com o lugar. Ele propõe os conceitos de interioridade, insiderness, e exterioridade, outsidersness, que servem, para ilustrar, nada mais que advérbios de modo de estar dentro ou de estar fora dos lugares. Para Relph (1976), aí está o íntimo da experiência dos lugares. Destaca esse autor que “estar dentro de um lugar é pertencer a ele e se identificar com ele, e quanto mais profundamente interior você é, mais forte é essa identidade com o lugar” (RELPH, 1976, p. 49).

Nesse sentido os indivíduos atribuem significados aos lugares, pois estão vinculados ao cotidiano, ao movimento diário e as atividades realizadas como produto da ação do homem nos mesmos. Enfim, o lugar é resultante das experiências humanas e mais, “[...] é um centro de significados construído pela experiência. [...] É conhecido não somente através dos olhos e da mente, mas também pelos modos mais passivos e diretos da experiência” (TUAN, 1975, p. 152). Ademais, o lugar,

[...] tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto 'especial', que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado. (TUAN, 2012, p. 387).

Complementando, aponta Rosendahl (2008) que à luz da Geografia Cultural o lugar consiste em um conceito que contempla as seguintes formulações interpretativas:

Sua criação é um ato social; os lugares diferem porque as pessoas os fizeram assim; são entidades auto-reprodutivas; as pessoas aprendem e fornecem modelos alimentando determinadas crenças e atitudes; a cultura regional não existe separadamente das pessoas que a refazem enquanto a vivem; em uma economia capitalista mundial, lugares não são unidades autônomas, possuindo controle independentemente sobre o destino de seus residentes; não são simplesmente os resultados não-intencionais de processos econômicos, sociais e políticos; são locais potenciais fontes de conflito (ROSENDAHL, 2008, p. 6-7).

Estas proposições teóricas até aqui apresentadas acerca do lugar, fundamentam a presente investigação, não apenas no desvendar da construção, mas também, no sentido da manutenção do lugar sagrado representado pela devoção e pela Festa de Santa Maria Madalena. Com efeito, o conceito de lugar como categoria geográfica se apresenta como uma possibilidade metodológica que permite compreender os mecanismos de interações de tal festejo. O lugar da festa, que não é apenas o local onde o evento se realiza, obedece ao movimento dialético do espaço que irá influenciar sua trajetória, e ao mesmo tempo será influenciado pelas trajetórias dos diferentes elementos que o compõem. Tal comportamento ocorre porque o tempo da festa no lugar é

[...] um tempo de utopias. Tempo de fantasia e de liberdades, burlescas e vivazes, a festa se faz no interior de um território lúdico onde se exprimem igualmente as frustrações, revanches e reivindicações dos vários grupos que compõem uma sociedade. Mas o tempo fãustico da festa eclipsa também o calendário da rotina e do trabalho dos homens, substituindo-o por um feixe de funções. Ora ela é suporte para a criatividade de uma comunidade, ora afirma a perenidade das instituições de poder (DEL PRIORE, 1994, p. 9).

O lugar, então se apresenta como portador de vivência, identidade religiosa e simbologias e dessa maneira, a entidade religiosa se firma no mundo do sagrado no qual faz parte o espírito da história do tempo e do espaço. Nessa perspectiva, Rosendahl (2014, p. 204) esclarece que “[...] a comunidade religiosa vivencia o lugar à sua maneira, de forma a construir um ponto fixo em que reencontra suas lembranças [...]”. Ora, em sua dimensão simbólica, o lugar revela-se ao homem por meio de determinados aspectos tangíveis. Aliás, qualquer forma de relação no âmbito do simbólico tem uma realidade material e liga-se a uma ideia, a um valor ou a um sentimento em relação a um determinado lugar, juntamente com suas afetividades e suas formas de pertencimento. Trilhando nessa perspectiva o lugar da Festa de Santa Maria Madalena é um lugar sagrado que ocorre no espaço-tempo da nostalgia divina, pois

[...] Frequentar uma religião consiste em vivenciar a dimensão espaço-tempo dessa liturgia. O tempo sagrado, marcado no calendário litúrgico de festas religiosas, contribui para que o grupo religioso reforce o sentido de pertencimento à instituição religiosa [...] (ROSENDAHL, 2014, p. 205).

Na intenção de apresentar a dimensão do espaço-tempo do lugar simbólico é pertinente considerar que tanto a comunidade como os indivíduos fazem uso da sabedoria para criar espaços simbólicos que por consequência alimentam não só a construção de identidades coletivas, mas também valida o poder efetivo da entidade religiosa.

Assim, pode-se perceber como se dá a construção e a permanência da identidade religiosa das pessoas com o lugar. Com efeito, tal vínculo indenitário e afetivo pode ser sentido na fala de D. Fátima, devota e assídua participante dos festejos de Santa Maria Madalena, na missa solene do dia 02 de fevereiro:

Lembro que comecei a participar da festividade religiosa desde os 14 anos de idade, meu pai me levava, hoje tenho 37 anos e continuo participando todos os anos, não perco a missa que é celebrada no dia da procissão de Santa Maria Madalena.

Portanto, a dimensão simbólica adquire força e relevância quando está imbuída de afetividade e significados no lugar sagrado que na presente pesquisa é representada pela Festa de Santa Maria Madalena. Essa representação simbólica existe em si mesma e se materializa no espaço. Os conceitos bíblicos de lugar sagrado afirmam que ele é “um lugar onde Deus habita”, demarcado e limitado em uma área geográfica determinada, como aparece nos diferentes tipos de lugares sagrados de diversas religiões, tais como santuários de peregrinação, templos, cemitérios, montanhas e rios (ROSENDAHL, 2014, p. 206).

Ademais, o simbólico caracteriza-se por conter uma leitura da realidade que não se evidencia materialmente, logo, o simbólico é o *locus* da realidade humana que propicia a compreensão de como os homens dão sentido a sua existência e, por conseguinte a experiência do lugar. Dessa forma, dentro da lógica do sagrado na Festa de Santa Maria Madalena, o lugar simbólico

[...] unifica os grupos humanos quantos aos valores religiosos, no sentido etimológico de *religare*, ou, em outras palavras, a junção dos homens no domínio do sagrado e, portanto, vinculados com a divindade além da vida terrena (ROSENDAHL, 2014, p. 207).

É na vivência com o lugar sagrado que se encontra a prática de rituais cuja simbologia expressa a manifestação da fé por parte do devoto em relação ao seu santo protetor. Assim,

A vivência do sagrado, se expressa no espaço através das práticas comportamentais de visitar a imagem e seguir a procissão, a bênção da água e a bênção da saúde, “fazer” e “pagar” promessa, possui um código produzido pelo imaginário social em suas relações reais entre o devoto e o santo (ROSENDAHL, 2014, p. 214).

Tais práticas são comuns durante os festejos de Santa Maria Madalena em União dos Palmares. As muitas formas como os devotos participam das diferentes atividades são reveladoras dessa realidade. Desde a grandiosa procissão do mastro, que em 2017 contou com mais de 10.000 (dez mil pessoas), a procissão solene do dia 02 de fevereiro, que reuniu uma multidão fervorosa estimada em mais de 20.000 (vinte mil pessoas) percorrendo as ruas da cidade (CÁSSIA, 2017). Os atos de fé e gratidão se expressam das mais diversas formas. Seja diante do mastro que comporta a bandeira da santa; da sua condução à praça em frente da igreja, onde será levantado (Procissão do Mastro), a apoteótica procissão do dia 02 de fevereiro, onde os pagadores de promessa levam a charola da santa protetora, telhas e tijolos na cabeça, crianças são vestidas de anjos, adultos de mortinhas, dentre outras práticas, sempre agradecendo as graças alcançadas, como pode-se atestar nas Figuras 2 e 3.

Figura 2. Procissão do Mastro



Fonte: <http://www.tribunauniao.com.br/noticias>, 2017/2019

Figura 3. Procissão de Santa Maria Madalena 2017



Fonte: BELO, Carlos, 2017

O sagrado manifesta no lugar uma ordem onde a experiência com o religioso deixa transparecer formas de territorialidades em que o simbólico o converte em algo muito significativo para quem o vivencia. Tal experiência com o sagrado molda a paisagem cultural de União dos Palmares por meio da Festa de Santa Maria Madalena e confere uma marca da identidade do povo palmarino.

O VALOR DOS BENS SIMBÓLICOS NA FESTA: A DIMENSÃO ECONÔMICA

A dimensão econômica da religião bem como sua territorialidade se dá por meio das relações entre bens simbólicos, mercados e redes. Seu propósito é elencar e analisar as características da dimensão geográfica em que ocorre o processo produtivo de bens simbólicos pertencentes ao sagrado. Os bens configuram uma existência provida de algum valor que vai ser expresso nos mais variados objetos sejam eles religiosos ou não (ROSENDAHL, 2014, p. 188-189).

Portanto, a dimensão econômica da festa é pautada nos bens materiais e simbólicos representativos tanto do sagrado como do profano, cujo processo de produção ocorre no espaço e no tempo. Desse modo, é necessário

[...] reconhecer que existe mais simbolismo nos objetos e nas coisas, por vezes camuflados ou escondidos, do que sua aparência indica. Pode-se afirmar que os bens simbólicos são mercadorias que possuem valor de uso e que, em determinado contexto social, passam a ter valor simbólico. (ROSENDAHL, 2013, p. 171)

Com efeito, o que mantém o sagrado na festa são os bens simbólicos que por sua vez revelam a devoção. Esse entendimento é esclarecido da seguinte forma:

A diferenciação entre um bem simbólico e um bem não simbólico está na própria natureza de seu significado. A natureza do bem simbólico reflete duas realidades: a mercadoria e o significado, isto é, o valor cultural e o valor mercantil do bem. Poderíamos dizer que os bens simbólicos são mercadorias que possuem valor de uso e que, em determinado contexto cultural, passam a ter associado o valor simbólico (ROSENDAHL 2014, p. 189).

O conjunto de símbolos pertencentes ao sistema religioso é composto de bens religiosos que se evidenciam por signos e significados presentes nas práticas relacionadas ao ato religioso. A produção dos bens simbólicos, enfatiza Rosendahl (2014, p. 190), que “[...] na maior parte dos casos, está voltado para consagrar e legitimar os valores já estabelecidos na sociedade [...]”. Para todo efeito

“[...] Os símbolos são os instrumentos por excelência da «integração social»: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação [...], eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução a ordem social [...] (BOURDIEU, 1998, p. 10)

Tal processo de produção simbólica passa pelo entendimento da noção de campo religioso proposto por Bourdieu (2007), onde esse espaço é constituído por agentes socialmente legitimados para definir o sagrado. São os porta-vozes de Deus, pessoas autorizadas a lutarem pela definição legítima de Deus, que respeitam regras para obterem prestígios, algo que implica no acúmulo de capital religioso. Assim o campo religioso

[...] compreende o conjunto das relações que os agentes e instituições religiosas mantêm entre si no atendimento à demanda dos leigos. Portanto, uma vez constituído um campo, ele passará a ser movido pela busca do completo domínio do trabalho religioso por um conjunto de agentes especializados, no mais das vezes visando à situação de monopólio [...] (ARRIBAS, 2012, p. 497).

Portanto, o campo religioso permite explicar a produção e o consumo dos bens igualmente religiosos e que conferem participação ativa de integrantes internos, isto é, diversos agentes que atuam na organização e transmissão das mensagens religiosas. A religião, assim como a arte, a língua, a ciência e o mito, é um sistema simbólico, instrumento de conhecimento, comunicação e de construção do mundo dos objetos, como formas simbólicas (BOURDIEU, 1998, p. 8).

O conceito de capital simbólico desenvolvido por Bourdieu (1996) proporciona as condições para analisar setores inteiros das economias ditas capitalistas que não funcionam obedecendo à lei do lucro como a busca em larga escala do lucro, como no caso da produção dos bens culturais. Nessa lógica de capital simbólico, o capital religioso vai depender das relações de demanda e oferta religiosa a cargo da instituição religiosa responsável por manter a produção dos bens simbólicos. Assim as estratégias de organização que as instituições religiosas realizam em benefício próprio vão se dar nas mais

[...] diferentes instâncias religiosas, indivíduos ou instituições, podem lançar mão do *capital religioso* na concorrência pelo monopólio da gestão dos bens de salvação e do exercício legítimo do poder religioso enquanto poder de modificar em bases duradouras as representações e as práticas dos leigos, inculcando-lhes em *habitus* religioso, princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural, ou seja, objetivamente ajustados aos princípios de uma visão política do mundo social [...] (BOURDIEU, 2007, p. 57).

Rosendahl (2014) esclarece que o capital religioso inclina-se para acumular-se e concentra-se nas mãos dos grupos responsáveis pela gestão do sagrado, ficando os leigos, crentes e fiéis carentes de capital religioso e privado da produção simbólica por não possuírem o conhecimento para o ofício do poder sagrado. Logo, “[...] A separação simbólica entre o saber sagrado e a ignorância profana é reforçada e acentua a distinção entre os produtores do sagrado dos consumidores dos bens simbólicos” (ROSENDAHL, 2014, p. 190).

Obedecendo essa ótica da produção simbólica é possível perceber diante da territorialidade da Festa de Santa Maria Madalena, a presença de um comércio instalado onde ocorrem as atividades do plano religioso. Tais atividades são promovidas pelos integrantes clericais e membros leigos de capital religioso. Ambos trabalhando a serviço da produção e comercialização de um conjunto de bens materiais e simbólicos como imagens, velas, terços, camisetas, bonés e crucifixos, onde a Igreja Católica se apropria como estratégia para assegurar sua legitimação como entidade religiosa.

Ainda na dimensão econômica da festa, mas moldada por um viés de atributos do profano, têm-se a realização de shows musicais que acontecem na praça com músicas tidas como não representativa do sagrado, a comercialização de produtos os mais diversos, a exemplo de brinquedos infantis, bebidas e comidas. Há também a oferta de serviços como parque de diversão e a prática de jogos de azar, que se torna possível porque “é o sagrado que delimita e possibilita o profano”, conforme destaca Rosendahl (1994, p. 45). Portanto, os dois coexistem concomitantemente.

Habitualmente, quando termina a programação sagrada na Igreja Matriz, as atrações musicais ditas profanas animam a festa no palco localizado na praça Brasiliano Sarmento, conforme pode ser atestado através da Figura 4. Nesse contexto é válido destacar o pensamento de Deffontaines (1938) sobre a cidade. O autor chama a atenção à importância da praça como o segundo elemento, depois da igreja, a dominar a vida e comportar uma aglomeração na cidade. Quer dizer, a praça está na dependência da igreja. E mais, “[...] a praça serve de ponto de parada, onde as pessoas se divertem olhando, não ficando mais solitárias; fazer praça [...] é a única ocasião que se tem de se pôr a roupa de domingo segundo o costume do lugar” (DEFFONTAINES, 1938, p. 299). Ademais, acrescenta o geógrafo francês, que “[...] as casas que cercam a praça procuram ser luxuosas, [...] não são casas mais palacetes, foram construídas pelos principais fazendeiros das cercanias, por que é um luxo ter-se fachada para a praça [...]” (DEFFONTAINES, 1938, p. 299).

No diálogo com Deffontaines (1938) sobre a praça, na perspectiva da Festa de Santa Maria Madalena e a cidade de União dos Palmares, vale destacar que em tempos pretéritos, as casas que cercavam a Praça Brasiliano Sarmento, eram as mais suntuosas do espaço urbano palmarino, conforme atesta uma remanescente, onde residiu o importante poeta brasileiro Jorge de Lima. O

sobrado onde residiu o “príncipe dos poetas”, voltado para a Igreja Matriz da padroeira da cidade, foi por ele evocado nas suas memórias:

O sobrado tinha seu janelão sobre a praça. Lá de cima, Jorge via o pátio da igreja, a praça despida de uma árvore sequer, de um banco, de um adorno (...) Todavia, o pátio da matriz ganhava o privilégio de um grande palco nas noites de festa da padroeira. (...) Nove noites, “as noites de novena”, com a igreja regurgitante do povo da cidade e das cercanias (LIMA, 1958, p. 99).

Figura 4. Sobrado onde Jorge de Lima passou a infância



Fonte: BELO, Carlos, 2017

É providencial, aqui destacar a importância da literatura na leitura e interpretação dos lugares em suas diferentes dimensões, inclusive a econômica. Segundo Mello (1990, p. 108-109), ela “[...] mostra os diferentes modos de vida e o processo de entendimento [...] Cabe, então, aos geógrafos analisarem esse material, já pronto, a respeito da fisionomia dos lugares, tradições religiosas, motivações migratórias e contrastes espaciais”. A propósito, a citação acima, extraída da autobiografia de Jorge de Lima, é prova real do que assevera Mello, ou destacara Frémont nos idos do decênio de 1980 ao mostrar que “a literatura é um meio eficaz de investigação, focalizando os aspectos geográficos, incluindo o grupo, herói, família e categoria social [...]” (FRÉMONT, 1980, p. 97).

A aludida praça, Brasiliano Sarmiento, tem uma função importante para a festa e para a igreja que a utiliza de diferentes formas, visando arrecadar tributos à sua manutenção. Durante a festa, é a igreja que mantém e controla o seu uso, especialmente através da venda de mesas àqueles que querem adquirir um lugar privilegiado para assistir aos shows religiosos e profanos diante do grande palco montado na praça. Nesse mesmo espaço acontece a realização de bingos, e no seu entorno há a disposição de barracas de comidas e bebidas sob controle da comissão organizadora da festa.

A Festa de Santa Maria Madalena também conta com a realização do leilão de animais que se realiza sempre no domingo que antecede o dia 02 de fevereiro. O leilão é de grande importância para a festa, sua realização propicia mais um momento oportuno para arrecadar fundos em prol da paróquia de Santa Maria Madalena. É no leilão de animais que há uma verdadeira disputa de pessoas que se enfrentam, buscando demonstrar publicamente uma maior generosidade para com a santa padroeira. A organização do leilão fica a cargo de uma figura emblemática dos festejos, o leiloeiro. O indivíduo que anuncia o tempo dos lances e valores dos animais leiloados.

O viés profano presente na dimensão econômica da festa também é composto por um equipamento marcante, o parque de diversões. Nesse ano de 2019, mantendo a tradição, o Parque Lima esteve na Festa de Santa Maria Madalena pela 47ª vez. Em meio ao parque ficam as barracas e quiosques de comércio dos mais diversos produtos.

Trata-se de um tipo de comércio cuja a dimensão vai se configurar numa organização espacial que se dá de forma curta, periódica e local, já que a sua manifestação fica restrita a Festa de Santa Maria Madalena que acontece uma vez por ano, entre o final de janeiro e início de fevereiro.

O SAGRADO E AS ESTRATÉGIAS DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA FESTA: A DIMENSÃO POLÍTICA

Cultura e espaço não podem ser dissociados da noção de território uma vez que segundo Bonnemaïson (2012) é a partir da existência da manifestação da cultura que se cria um território. Mas isso não quer dizer que os atributos políticos e as relações de poder não sejam levadas em consideração no processo de constituição do território, ao contrário. Na abordagem cultural da Geografia busca-se compreender a organização do espaço levando-se em conta também a concepção de mundo que existe no seio do grupo social ou da sociedade que edifica e controla o território. A manifestação da cultura no território é uma expressão espacial que para Bonnemaïson (2012, p. 289) “[...] Trata-se de reencontrar os lugares nos quais se exprime a cultura e, depois, a espécie de relação secreta e emocional que liga os homens à sua terra e, no mesmo movimento, funda sua identidade cultural”.

O autor concebe a cultura e a sociedade como duas expressões de uma mesma realidade no qual a função social e a função simbólica são pares dialéticos de explicação para ambas embora exista uma diferença entre espaço social e espaço cultural. Assim, “[...] o espaço social é produzido; o espaço cultural é vivenciado. O primeiro é concebido em termos de organização [...]; o segundo, em termos de significação e relação simbólica”. (BONNEMAISON, 2012, p. 289).

Sob essa ótica, o território aqui aludido é o religioso por definição, aquele que é regulado pela Igreja Católica, cujo gerenciamento é feito por um profissional do seio religioso. Territórios associados a lugares sagrados e a edifícios da Igreja. Dessa forma, o território religioso pode ser reconhecido pela igreja-matriz e sua área de abrangência por meio de suas práticas sagradas que condiciona o devoto ao exercício da fé numa relação simbólica entre a cultura e o espaço. (ROSENDAHL, 2014).

Nas abordagens sobre cultura e espaço não se pode olvidar a noção de territorialidade, algo que é simultaneamente fixo e móvel. A territorialidade é inerente ao território e este por sua vez é inseparável da cultura, das relações sociais e de poder.

Pensando a territorialidade na perspectiva religiosa, observa-se que esta é revestida por um conjunto de práticas, desenvolvidas e mantidas por instituições ou grupos voltados a controlar um determinado território. Ou seja,

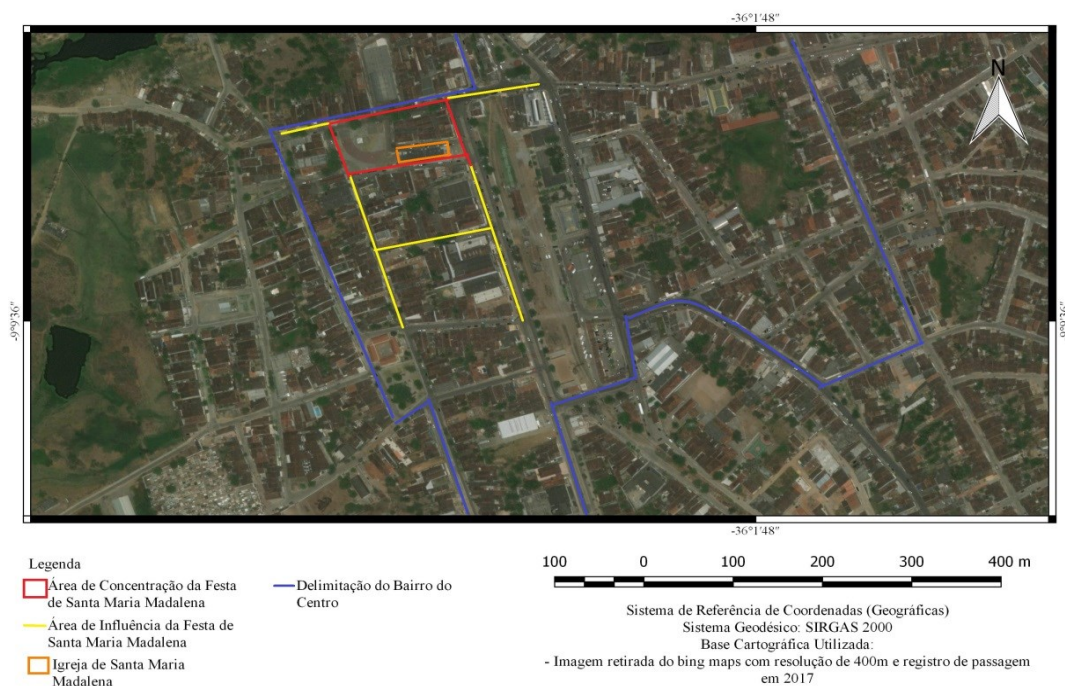
A religião só se mantém se sua territorialidade for preservada e, neste sentido, pode-se acrescentar que é pela existência de uma religião que se cria um território e é pelo território que se fortalecem as experiências religiosas coletivas ou individuais. E para a manutenção dessas relações, estratégias político-espaciais são adotadas. A organização interna dos territórios da Igreja é dinâmica, móvel no espaço, quer por criação de novas dioceses, quer por fragmentação das paróquias. O território religioso se modifica para melhor corresponder à afirmação do poder. Ele responde a duas funções principais, uma de ordem religiosa e outra de ordem política (ROSENDAHL, 2014, p. 195).

É nessa perspectiva que se observa a dimensão política da Festa de Santa Maria Madalena, onde majoritariamente os agentes administradores do sagrado controlam a organização dos bens e serviços simbólicos que a compõem. Portanto, o capital religioso torna-se um instrumento de

poder para a manutenção da prática religiosa em um dado lugar, em um dado território, segundo pode-se constatar em União dos Palmares. Para Rosendahl (2013, p. 172) “são múltiplas as estratégias interligando religião e território, e a dimensão política do sagrado objetiva investigar as normas e formas adotadas pelas instituições religiosas para assegurar a vivência da fé e a vigilância dos fiéis, afirmando assim sua identidade religiosa”.

Com efeito, a organização do território religioso deixa transparecer a dimensão política e religiosa do espaço (Figura 5). Para tanto, certifica-se que o território religioso se desenvolve a partir de experiências significativas, visto que a experiência religiosa no território é uma projeção de vivências. Quer dizer, é uma revelação da condição humana em suas relações cotidianas.

Figura 5. Área da Festa de Santa Maria Madalena



Organização: BELO, Carlos; SILVA, A. N., 2017

A dimensão política na festa aqui investigada tem nas figuras dos representantes do clero da paróquia de Santa Maria Madalena seus principais organizadores. São os padres da congregação Missionários da Sagrada Família (MSF), que coordenam os rituais sagrados e definem o modo de apropriação dos espaços sagrados e profanos durante o período festivo para a festa ocorrer de forma a atender os fiéis e o público de modo geral. Quanto a essa manifestação do poder político na festa, Maia (1999) afirma que é por meio da atuação desses líderes na organização e coordenação da festa que há o reconhecimento da sua legitimidade.

Nesse sentido a paróquia conta com a participação e o apoio da prefeitura municipal que contribui com patrocínio de algumas bandas para shows musicais que animam os festejos. A paróquia ainda recebe o apoio de alguns órgãos públicos como a Guarda Civil, a Superintendência Municipal de Transportes e Trânsito (SMTT), Secretaria de Infraestrutura, Secretaria de Saúde, Polícia Militar, Defesa Civil e Corpo de Bombeiros Militar e Civil.

É importante salientar que diante da atuação dos agentes envolvidos na organização da festa, constituídos pelos representantes da Paróquia de Santa Maria Madalena e os órgãos públicos

anteriormente relacionados, conclui-se que os agentes responsáveis pela organização e realização da festa são além da Paróquia e dos poderes públicos municipal e estadual, a mídia local e os patrocinadores do setor privado. Além disso, a divulgação da festa é realizada pelos sítios eletrônicos: www.tribunauniao.com.br/, www.blogapalavra.com/ e <https://www.tnh1.com.br>; e também através das rádios da cidade – Rádio AG FM 99.9, Rádio Farol FM 106.7 e Rádio Zumbi FM 87.9, que fazem toda a cobertura. O pároco local, ao falar da importância das rádios para a festa diz que a rádio chega onde os ouvidos não chegam. E dessa forma, a Festa de Santa Maria Madalena é um produto social, uma manifestação da vida social do espaço palmarino.

A ação do poder público em consonância com a política estabelecida pelos organizadores da festa tem efeito no estabelecimento dos limites espaciais, localização e horário em que a mesma acontece. A sua área de abrangência corresponde a toda a parte central da cidade (Figura 5), além das ruas que compõem o itinerário das procissões. O tempo da festa estabelece uma reorganização espacial na área ocupada e implica na mudança do fluxo de pessoas e de veículos com a interdição de várias ruas para a manifestação do fenômeno religioso.

Observa-se assim, a forte relação entre a festa com o território palmarino, conferindo-lhe especificidades de natureza cultural, política, econômica e, por conseguinte identidade territorial. A sua realização que se dá ao longo de quase dois séculos, envolve o esforço e cooperação da sociedade local em devoção e louvor a Santa Maria Madalena, o que também implica na transmissão de valores às futuras gerações e, assim, preserva uma manifestação que ocupa lugar na memória coletiva. É dessa forma que a manutenção da festa no lugar é partilhada pela ação política da Igreja Católica e por várias pessoas que carregam uma identidade comum, um sentimento que integra a comunidade religiosa católica de União dos Palmares.

UMA MARCA IDENTITÁRIA DO POVO PALMARINO

O lugar pode ser concebido como abrigo, espaço de vivência, reduto de identidade. O seu desenvolvimento teórico por intermédio da Geografia Cultural permite compreender a maneira como as identidades podem se originarem em um determinado lugar. O vínculo territorial desvela o espaço que é investido de valores materiais e imateriais tais como: éticos, espirituais, afetivos e simbólicos. Em meio a esse plano de apropriação do espaço pelo homem está a cultura que se insere no território, região ou lugar, deixando sua marca como fruto do seu trabalho, com suas formas de habitação, organização social, práticas e costumes.

Então, o lugar é uma construção espacial onde o homem habita das mais variadas formas, seja ela na dimensão material ou simbólica, e seu envolvimento com o mundo pode se dá através de experiências verbais, corporais e mentais que este homem realiza, atribuindo-lhe significados e com ele se identificando. Assim, a identidade pode ser entendida como “[...] a fonte de significado e experiência de um povo [...]”, conforme assevera Castells (1999, p. 22).

Nesse caminhar a identidade como uma construção social e histórica inclina-se para fazer parte de um saber geográfico que seja capaz de desvendar e entender o sentido do lugar. A identidade faz parte da vida dos homens e no dizer de Le Bossé (2013, p. 225) “[...] participa da vida dos indivíduos e dos grupos, o lugar influencia, até mesmo constrói, tanto subjetivamente como objetivamente, identidades culturais e sociais”.

Nesse sentido, a festa religiosa como forma de expressão cultural e simbólica é mediada por limites temporal e espacial. Tais limites se relacionam com o estabelecimento de uma identidade religiosa no lugar onde a festa ocorre. Nesse sentido,

Cada lugar repousa sobre sua própria história e constitui o foco único, emissor e receptor de sua singularidade em um espaço de relações com outros lugares, próximos ou distantes, reais ou imaginários, assimilados ou rejeitados (LE BOSSÉ, 2013, p. 228).

A festa e, por conseguinte, a identidade, é constituída por músicas, gestos, imagens e toda uma lucidez de rituais que Balandier (1999, p. 27) consiste em “[...] um ambiente propício a uma participação coletiva programada [...]”. Portanto, a festa não só nutre como também edifica convicções e conceitos sobre si, que são apreendidos pela população como parte de sua identidade coletiva, a exemplo do que acontece com a Festa de Santa Maria Madalena em União dos Palmares.

Nesse caminhar, vale observar que esta manifestação converge para si aspectos de natureza religiosa, histórica e cultural desse povo. Como um evento religioso e cultural, consiste em uma verdadeira marca de União dos Palmares, pois a identidade do cidadão palmarino está intimamente vinculada a Festa de Santa Maria Madalena. Sendo impossível, sob uma ótica cultural, pensa-lo dissociado dela. Com efeito, trata-se de um evento da maior relevância no processo de edificação da cidade desde o século XIX. Mais precisamente do ano de 1835, quando foi criada a Paróquia de Santa Maria Madalena. Segundo Bonnemaïson (2012), à luz da Geografia Cultural, a investigação sobre a cultura em um dado território conduz a um espaço tido como novo. Para ele, o geossímbolo

[...] pode ser definido como um lugar, um itinerário, um extensão, que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos, assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade (BONNEMAISON, 2012, p. 292).

E nessa perspectiva a Festa de Santa Maria Madalena apresenta-se como uma marca do povo palmarino, mormente dos católicos romanos que segundo dados do IBGE, em 2010 consistia em 47.396 adeptos em uma população total de 62.358 habitantes.

Portanto, mais do que uma forma ritualística religiosa, essa festa, do ponto de vista cultural e identitário do povo palmarino, possui um significado que só é acompanhado pela histórica figura de Zumbi e o Quilombo dos Palmares. Trata-se de uma das maiores e mais importantes celebrações religiosas do estado de Alagoas. Uma tradição que se aproxima de dois séculos de existência e continua a envolver e emocionar a terra de Zumbi e suas adjacências entre janeiro e fevereiro de todos os anos

UMA NOTA À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sua dimensão espacial, a festa religiosa também apresenta um caráter simbólico do espaço que vai ser sustentado à luz da identidade territorial e das territorialidades no âmbito do sagrado. Na verdade, a análise da festa religiosa passa pela própria dinâmica da organização do espaço e nesse sentido, a existência de uma territorialidade dessa forma de manifestação cultural provoca mudanças na própria dinâmica da organização do espaço geográfico.

A festa é também uma maneira de o homem se apropriar do espaço e do lugar. Essa forma de apropriação se dá por meio das diferentes práticas sagradas e profanas, políticas e econômicas, tais formas de relações sociais realizam para consolidar os traços da identidade cultural no lugar, conforme constata-se em União dos Palmares na centenária festa de Santa Maria Madalena.

A devoção e a vivência religiosa que se intensificam com o acontecer da festa, expressam significados que vão além do material e do visível. O sentimento de pertencimento movido por experiências e emoções dos seus participantes se evidencia no campo simbólico, reforçando a identidade palmarina, se configurando como uma marca do lugar. Ademais, a Geografia Cultural, ao se voltar a pesquisas relacionadas à religião, fixa a análise numa dimensão espacial ainda pouco investigada na geografia brasileira e, ao mesmo tempo, acena a uma agenda de pesquisa bastante promissora, especialmente no que diz respeito as festas dos santos padroeiros.

REFERÊNCIAS

- ARRIBAS, C. Pode Bourdieu contribuir para os estudos em Ciências da Religião? **Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião**, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 483-513, jul./dez., 2012.
- BALANDIER, G. **O Dédalo**: para finalizar o século XX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Geografia cultural: uma antologia**. v. 1. Rio da Janeiro: Ed. UERJ, 2012, p. 279-303.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 2. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese das informações: população residente. 2010. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/comparamun/compara.php?lang=&coduf=27&idtema=16&codv=v08&search=alagoas|uniao-dos-palmares|sinthese-das-informacoes->. Acesso em: 26/04/2107.
- BUTTNER, A. Hogar, Campo de Movimiento y sentido del Lugar. In: **TEORIA Y MÉTODO EN LA GEOGRAFIA ANGLOSAJONA**. Maria Dolores Garcia Ramón (org.), Barcelona, Ariel, 1985, p. 227-241.
- _____. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLLETTI, Antônio. **Perspectiva da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.
- CÁSSIA, O. de. Procissão do mastro: fé e religiosidade. **Tribuna Hoje**, Maceió, 13 jan. 2017. Disponível em: <www.tribunahoje.com/blog/1448/.../2017/.../procissao-do-mastro-fe-e-religiosidade.h...>. Acesso em: 25 abr. 2017.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Geografia cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda. In: _____.; _____. (Organizadores). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. p. 9-18.
- CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p. 15-47.
- DEFFONTAINES, P. Como se constituiu no Brasil a rede das cidades. **Bulletin de la Société de Géographie de Lille**. Ano 59. Tomo 82. n. 9, p. 299-308, dez., 1938.
- DEL PRIORE, M. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- FREMONT, A. **A Região, Espaço Vivido**. Coimbra: Almadina, 1980.
- LE BOSSÉ, M. As questões de identidade em geografia cultural – algumas concepções contemporâneas. In: : _____.CORRÊA, R. L. (Org.). **Geografia cultural: uma antologia**. v. 2. Rio da Janeiro: Ed. UERJ, 2013, p. 221-232.
- LIMA, J. de. “**Minhas memórias**”. Obra Completa Volume 1. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1958.
- MAIA, C. E. S.. Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares: proposições sobre festas brasileiras. In: ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R. L. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro. EdUERJ. 1999.
- MELLO, J. B. F. 1990. Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. **R. Bras. Geog.**, v. 52, n. 4, p. 91-115, 1990.
- RELPH, E. C. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, n. 4, v. 7, p. 1-25, 1979.
- _____. **Place and Placelessness**. London, Pion. 1976.

ROSENDAHL, Z. Espaço, Cultura e Religião: dimensões de análise. In. CORRÊA, R. L.; _____. (Orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. p.187-224.

_____. Território e territorialidade: uma proposta geográfica para o estudo da religião. In: _____.:CORRÊA, R. L. (Org.). **Geografia cultural: uma antologia**. v. 2. Rio da Janeiro: Ed. UERJ, 2013, p. 169-187.

_____. “A dimensão do lugar sagrado: ratificando o domínio da emoção e do sentimento do ser-no-mundo”. **Geo- Working papers, NIGP**, Minho, 2008. p. 1-17.

_____. **Porto das Caixas**: espaço sagrado da Baixada Fluminense. 1994. 250 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

TUAN, Y. F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: EDUEL, 2012.

_____. Place: an experiential perspective. **Geographical Review**. v. 65, n. 2, p. 151-165, Apr, 1975.

_____. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983